

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS SEGUNDO CARL GUSTAV JUNG

MEDEIROS, Mauricio Zeferino Krauspenhar¹
LÜDTKE, Lucas²

Resumo

O presente artigo consiste em uma revisão sistemática de estudos sobre a interpretação dos sonhos segundo Carl Gustav Jung. Esse estudo procurou responder a seguinte questão de pesquisa: Como se dá a interpretação dos sonhos segundo a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Foram analisados livros referentes a obras de Jung. Os estudos analisados são revisões sistemáticas da literatura. Palavras chave: sonho, Jung, interpretação.

1 Introdução

O presente trabalho teve como objetivo dissertar sobre a interpretação dos sonhos segundo Carl Gustav Jung, bem como identificar, exemplificar e descrever os arquétipos nos sonhos. O interesse no tema surgiu de forma a dar outra visão sobre nosso potencial onírico e reafirmar a importância da sua análise terapêutica, sem tomar como base a teoria psicanalítica de Freud e sua interpretação para tal, assim como outras abordagens mais frequentemente estudadas nas graduações de psicologia. Para entender o significado do sonho, precisamos nos agarrar tanto quanto possível às suas imagens, por representarem comunicações contínuas que traduzem a realidade dos nossos processos inconscientes. “Os sonhos são produtos parciais e espontâneos da psique inconsciente... mostram-nos a verdade natural sem adornos” (Hall & Nordby, 1992). Para Jung os sonhos constituem as mais claras expressões da mente inconsciente. “A função geral dos sonhos é tentar estabelecer a nossa balança psicológica pela produção de um material onírico que reconstitui, de maneira útil, o equilíbrio psíquico total” (Jung et al., 2016, p. 52). Segundo Jung, já nascemos com uma herança psicológica, que se soma à herança biológica, que juntas são determinantes essenciais do comportamento e da experiência, o inconsciente coletivo. Dentro do inconsciente coletivo há “estruturas” psíquicas ou arquétipos, dentre os quais se destacam o self, como principal, persona, ego, anima ou animus e sombra.

2 Metodologia

O método foi o de pesquisa bibliográfica, a pesquisa pode ser considerada como forma de aprendizagem cultural e como forma de produção cultural. A primeira pode ser chamada de pesquisa didática e a segunda de pesquisa científica. A pesquisa científica, bem como a pesquisa didática, pode ser feita na própria realidade ou em documentos escritos. A pesquisa feita na própria realidade é chamada de pesquisa de campo ou de observação, quando o universo pesquisado é observado no seu ambiente ou situação natural. Por outro lado, a pesquisa feita em documentos escritos é chamada pesquisa bibliográfica, quando se utiliza de fontes, isto é, documentos escritos originais primários; chama-se de consulta bibliográfica ou estudos exploratórios, quando se utiliza de subsídios, literatura corrente ou obras de autores modernos. Comumente, ambos os estudos são denominados simplesmente de pesquisa bibliográfica (Salvador, 1970). A pesquisa bibliográfica pode ser realizada concomitantemente com as diversas fases da pesquisa de campo ou experimental para recolher informações prévias acerca do problema, das hipóteses, dos métodos, etc., bem assim como estudo independente e autônomo, quer como trabalho científico original, quer como estudo recapitulativo. Tendo em vista os diferentes os diferentes passos à originalidade e criatividade, podemos estabelecer, em ordem ascendente, diferentes níveis de trabalhos científicos. Os primeiros, predominantemente bibliográficos, são mais comuns nos cursos de graduação, e os últimos, estudos mais originais, são exigidos nos cursos de pósgraduação. 1) Trabalhos de síntese; 2) Resenha crítica; 3) Trabalhos de divulgação científica; 4) Relatórios e informes científicos; 5) Trabalhos monográficos (Salvador, 1970).

3 Discussão

Quando se fala em sonhos toma-se o ponto de vista de que os sonhos, são mera satisfação de desejos reprimidos já está superada há muito tempo. Sonhos representando claramente

¹ Acadêmico do 6o semestre do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – SOBRESP.

² Prof.o. Ms. do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – SOBRESP.

receios ou desejos realizados também existem, não resta a menor dúvida, mas não são os únicos. Há muitos outros. Os sonhos podem exprimir verdades implacáveis, sentenças filosóficas, ilusões, desenfreadas fantasias, recordações, planos, antecipações, e até visões telepáticas, experiências irracionais e sabe Deus o que mais. Não podemos deixar de lembrar que passamos quase a metade de nossa vida em estado mais ou menos inconsciente. O modo específico de inconsciente se comunicar com a consciência é o sonho. Da mesma forma que a alma tem seu lado diurno, que é a consciência, ela também tem o seu lado noturno, seu funcionamento psíquico inconsciente, que poderia ser concebido como o fantasiar onírico. Assim como não existem apenas desejos e medos no consciente, mas uma infinidade de outras coisas, também é sumamente provável que a nossa alma onírica tenha uma riqueza semelhante de conteúdos e formas de vida ou, quem sabe, muito superiores às da vida consciente, cuja natureza é essencialmente concentração, limitação e exclusão (Jung, 1999). Quando se sabe que Jung, segundo as próprias estimativas, analisou e interpretou nada menos que 80 mil sonhos na sua vida profissional, torna-se fácil compreender por que motivo é ele considerado um dos maiores entendidos em sonhos em todos os tempos. O mesmo pode-se dizer do seu conhecimento do simbolismo, que extremamente amplo e profundo. Não nos esqueçamos, entretanto, de que o seu estudo dos sonhos e dos símbolos o levou à descoberta do inconsciente coletivo e dos arquétipos. Foi esta a sua suprema realização (Hall & Nordby, 1992). Jung contribuiu de modo primoroso para o estudo dos processos de simbolização. Dedicou o assunto um volume de pesquisa e de escritos muito maior do que qualquer outro psicólogo. Dos seus dezoito volumes, cinco foram exclusivamente dedicados ao simbolismo da religião e da alquimia, e o assunto é discutido sempre e de modo prático em todos os seus escritos. Não seria exagero afirmar que os dois mais importantes conceitos de Jung são o de arquétipo e o de símbolo. Os dois conceitos estão intimamente ligados. Os símbolos são as manifestações exteriores dos arquétipos. Os arquétipos só podem-se expressar através dos símbolos em razão de se encontrarem profundamente escondidos profundamente no inconsciente coletivo sem que o indivíduo os conheça ou possa vir a conhecer. Não obstante, os arquétipos exercem uma ação constante, que lhes influencia e dirige o comportamento consciente. Somente através da análise e da interpretação dos sonhos, símbolos, fantasias, visões, mitos e da arte é que se pode chegar a conhecer alguma coisa do inconsciente coletivo. Um símbolo é, acima de tudo, uma tentativa de representar um arquétipo, mas o resultado é sempre imperfeito. Em última análise, os símbolos são representações da psique; são projeções de todos os aspectos da natureza humana. Além de expressar a sabedoria humana racial e individualmente adquirida e armazenada, podem representar também os níveis de desenvolvimento, os quais são predestinações da futura condição do indivíduo. O destino do homem e a evolução futura de sua psique estão estabelecidos nos símbolos. Os dois aspectos de um símbolo, um retrospectivo e guiado pelos instintos, o outro prospectivo e guiado pelas metas supremas da personalidade transcendente, constituem as duas faces de uma mesma moeda. Pode-se analisar um símbolo usando qualquer uma das duas faces da moeda. A análise retrospectiva expõe a base instintiva de um símbolo e a análise prospectiva revela os anseios da humanidade que aspira à plenitude, ao renascimento, a harmonia, a purificação, etc. A primeira é uma análise do tipo causal, redutivo; a segunda é teológica e finalista. Ambas são necessárias para completa elucidação dos símbolos. Jung pensava que o caráter prospectivo de um símbolo vem sendo descurado em benefício da concepção que afirma ser o símbolo apenas um produto dos impulsos instintivos e dos desejos que lutam para se afirmar. A intensidade psíquica de um símbolo é sempre maior que o valor da causa que o produziu. Quer isto dizer que por trás da criação de um símbolo há uma força que impele e uma força que atrai. O impulso é fornecido pela energia instintiva e a retração pelas metas transcendentais. Nenhuma destas duas forças isoladamente é suficiente para criar um símbolo. Consequentemente, a intensidade psíquica de um símbolo é a combinação ou a soma de determinantes causais e finalísticas, sendo portanto maior que o fator causal isolado (Hall & Nordby, 1992).

4 Considerações finais

Os sonhos não são invenções intencionais ou voluntárias, mas pelo contrário, são fenômenos naturais que não diferem daquilo que representam. Não iludem, não mentem, não deformam, não encobrem, mas comunicam ingenuamente o que são e o que pensam (Jung, 2006). Os sonhos ou o nosso material onírico, muitas vezes nos surpreendem e por esse motivo o presente trabalho veio a ser feito. Ao considerar a teoria de Carl Gustav Jung, a pessoa dentro da psicologia que mais produziu material neste sentido, nos revela como interpretar tais

surpresas. Mas é importante não termos uma opinião doutrinária preconcebida sobre o que diz um sonho. Um sonho nunca pode ser interpretado de forma conclusiva ou reduzida a apenas um significado, mas ser analisado de maneira mais flexível e durante longo tempo, afinal de contas o inconsciente é atemporal. Quanto ao caráter nefasto dos sonhos, eles só são irritantes e enganadores se não os compreendermos. Não utilizam artifícios para dissimular alguma coisa; dizem à sua maneira o que constitui seu conteúdo e da maneira mais nítida possível. Mas, quer sejam originais ou difíceis, a experiência demonstra que sempre se esforçam por exprimir algo que o eu não sabe e não compreende.

Referências Hall, C. S., & Nordby, V. J. (1992). Introdução à psicologia junguiana. São Paulo: Cultrix. Jung, C. G. (2006). Memórias, sonhos, reflexões. 1ª ed especial. Rio de Janeiro: Nova fronteira. Jung, C. G., Henderson, J. L., Von Franz, M. L., Jaffé, A., Jacobi, J., & Freeman, J. (2016). O homem e seus símbolos. HarperCollins Brasil. Jung, C. G. Ab-reação, análise dos sonhos, transferência. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Salvador, A. D. (1970). Métodos y técnicas de pesquisa bibliográfica: elaboração e relatório de estudos científicos. Sulina.